

PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL SOBRE A ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE ESCOLAR

EARLY CHILDHOOD EDUCATION TEACHERS' PERCEPTIONS OF SPEECH-LANGUAGE PATHOLOGY PRACTICE IN SCHOOL HEALTH PROMOTION

PERCEPCIONES DE DOCENTES DE EDUCACIÓN INFANTIL SOBRE LA ACTUACIÓN FONOAUDIOLÓGICA EN LA PROMOCIÓN DE LA SALUD ESCOLAR

Efigênia Alves Medeiros Amaral¹, Lídia Andrade Lourinho², Edine Dias Pimentel Gomes³, Ana Cléa Veras Camurça Vieira⁴, Maria Petrília Rocha⁵, Ronald Sousa Pereira⁶, Joara Maria Linhares Torquato Freire⁷, Daniele Linhares Martins Menegotto⁸, Jhonnildo Araújo Azevedo⁹, Giselle Dantas Lima Aguiar¹⁰

DOI: 10.54899/dcs.v23i93.6503

Recibido: 06/07/2026 | Aceptado: 30/07/2026 | Publicación en línea: 06/08/2026.

RESUMO

Objetivo: analisar as percepções de professoras da Educação Infantil sobre a atuação do fonoaudiólogo na promoção da saúde no contexto escolar e identificar demandas para uma proposta de formação continuada. Método: estudo qualitativo e metodológico realizado em um Centro de Educação Infantil da rede pública de um município do interior do Ceará. Participaram 22 professoras, selecionadas conforme critérios de formação, vínculo e experiência docente. Os dados foram produzidos por entrevistas semiestruturadas, gravadas, transcritas e submetidas à análise temática de conteúdo. Resultados: emergiram três eixos. A saúde vocal foi mencionada por 17 participantes (77,3%); embora 19 (86,4%) reconhecessem outras possibilidades de atuação, predominaram referências clínicas a problemas de fala, desenvolvimento da linguagem e apoio a crianças com necessidades educacionais específicas. Como potencialidades, destacaram-se orientação, formação periódica e apoio técnico; como desafios, ausência do profissional, frágil articulação saúde–educação, sobrecarga e escassez de tempo. As prioridades formativas foram saúde vocal, desenvolvimento da linguagem oral e habilidades preditoras da alfabetização, que fundamentaram uma proposta de duas oficinas, com oito horas totais. Conclusão: as docentes valorizam a Fonoaudiologia, mas ainda a associam principalmente a

¹ Mestre em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

E-mail: efigenia.amaral@uninta.edu.br

² Doutor em Fonoaudiologia, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

³ Doutor em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

⁴ Doutor em Terapia Ocupacional, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

⁵ Doutor em Educação Física, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

⁶ Especialista em Odontologia, Secretaria Municipal, Sobral, Ceará, Brasil.

⁷ Mestre em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

⁸ Especialista em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

⁹ Especialista em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

¹⁰ Especialista em Fonoaudiologia, Centro Universitário Inta (UNINTA), Sobral, Ceará, Brasil.

práticas clínicas e corretivas. A formação colaborativa pode ampliar essa compreensão e favorecer ações preventivas, pedagógicas e interprofissionais na escola.

Palavras-chave: Fonoaudiologia Educacional. Educação Infantil. Promoção da Saúde. Formação de Professores. Colaboração Interprofissional.

ABSTRACT

Objective: To analyze early childhood education teachers' perceptions of speech-language pathologists' role in promoting health in the school context and to identify demands for a continuing education proposal. **Method:** A qualitative methodological study was conducted at a public early childhood education center in a municipality in the countryside of Ceará, Brazil. Twenty-two teachers were selected according to education, employment, and teaching-experience criteria. Data were collected through semi-structured interviews, recorded, transcribed, and submitted to thematic content analysis. **Results:** Three themes emerged. Vocal health was mentioned by 17 participants (77.3%). Although 19 (86.4%) recognized other possible roles, clinical references to speech problems, language development, and support for children with specific educational needs predominated. Guidance, periodic training, and technical support were identified as potentialities; lack of speech-language pathologists, weak health-education coordination, workload, and limited time were challenges. Training priorities included vocal health, oral language development, and literacy-predictor skills. These findings supported a proposal for two workshops totaling eight hours. **Conclusion:** Teachers value speech-language pathology but still associate it mainly with clinical and corrective practices. Collaborative training can broaden this understanding and foster preventive, pedagogical, and interprofessional actions in schools.

Keywords: Educational Speech-Language Pathology. Early Childhood Education. Health Promotion. Teacher Education. Interprofessional Collaboration.

RESUMEN

Objetivo: analizar las percepciones de docentes de Educación Infantil sobre la actuación del fonoaudiólogo en la promoción de la salud escolar e identificar demandas para una propuesta de formación continua. **Método:** estudio cualitativo y metodológico realizado en un centro público de Educación Infantil de un municipio del interior de Ceará, Brasil. Participaron 22 docentes, seleccionadas según criterios de formación, vínculo y experiencia. Los datos se obtuvieron mediante entrevistas semiestructuradas, grabadas, transcritas y sometidas a análisis temático de contenido. **Resultados:** surgieron tres ejes. La salud vocal fue mencionada por 17 participantes (77,3%). Aunque 19 (86,4%) reconocieron otras posibilidades, predominaron referencias clínicas a problemas del habla, desarrollo del lenguaje y apoyo a niños con necesidades educativas específicas. Se destacaron como potencialidades la orientación, la formación periódica y el apoyo técnico; como desafíos, la ausencia del profesional, la débil articulación salud-educación, la sobrecarga y el tiempo limitado. Las prioridades formativas fueron salud vocal, desarrollo del lenguaje oral y habilidades precursoras de la alfabetización, que fundamentaron dos talleres con ocho horas totales. **Conclusión:** las docentes valoran la Fonoaudiología, pero aún la asocian principalmente con prácticas clínicas y correctivas. La formación colaborativa puede ampliar esta comprensión y favorecer acciones preventivas, pedagógicas e interprofesionales en la escuela.

Palabras clave: Fonoaudiología Educativa. Educación Infantil. Promoción de la Salud. Formación Docente. Colaboración Interprofesional.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A escola constitui um espaço estratégico para promoção da saúde, desenvolvimento humano e prevenção de agravos. Na Educação Infantil, essa função é especialmente relevante porque os primeiros anos concentram aquisições decisivas para a comunicação, a interação social e a aprendizagem. Nesse cenário, a Fonoaudiologia pode colaborar com professores e gestores na construção de ambientes comunicativos acessíveis, no acompanhamento do desenvolvimento da linguagem, na promoção da saúde vocal e auditiva e na identificação oportuna de sinais que demandem avaliação especializada (Conselho Federal de Fonoaudiologia [CFFa], 2016, 2021).

Historicamente, entretanto, a atuação fonoaudiológica brasileira foi marcada pelo modelo clínico-terapêutico e pelo atendimento individual de alterações de voz, audição, fala e linguagem. A inserção do profissional em políticas públicas e em espaços educacionais ampliou esse campo, aproximando-o dos princípios de promoção da saúde, integralidade, intersetorialidade e trabalho coletivo (Cabrera *et al.*, 2018; Moreira & Mota, 2009). A Fonoaudiologia Educacional passa, assim, a ser compreendida como prática de colaboração com a comunidade escolar, sem reproduzir na escola o consultório clínico.

Essa mudança de paradigma ainda convive com expectativas centradas na correção de dificuldades individuais. Estudos com docentes mostram que a atuação do fonoaudiólogo costuma ser associada à orientação vocal, ao tratamento de alterações de fala e ao encaminhamento de estudantes, enquanto ações de planejamento pedagógico, promoção da linguagem e formação continuada aparecem com menor frequência (Fernandes *et al.*, 2017; Gertel & Tenor, 2018; Mendonça & Lemos, 2011). Essa percepção pode limitar a construção de práticas coletivas e reforçar processos de medicalização das dificuldades escolares.

Na Educação Infantil, linguagem, brincadeira e interação atravessam os direitos de aprendizagem e os campos de experiência. O professor ocupa posição privilegiada para observar o desenvolvimento das crianças e organizar situações comunicativas significativas, mas sua formação inicial nem sempre aprofunda conhecimentos sobre desenvolvimento cognitivo-

linguístico, saúde vocal ou habilidades que antecedem a aprendizagem da leitura e da escrita (Gatti & Barreto, 2020; Quintal & Paula, 2023). A colaboração do fonoaudiólogo pode apoiar esse trabalho desde que reconheça o saber pedagógico, parta das demandas reais da escola e evite uma relação vertical e prescritiva (Kida *et al.*, 2022; Masuyama & Rinaldi, 2020).

Investigar como docentes compreendem essa atuação oferece subsídios para planejar ações interprofissionais contextualizadas. Além de revelar conhecimentos e expectativas, a escuta das professoras permite identificar barreiras organizacionais e prioridades formativas. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as percepções de professoras da Educação Infantil sobre o papel do fonoaudiólogo na promoção da saúde no contexto escolar e, a partir dos achados, identificar conteúdos para uma proposta de formação continuada.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fonoaudiologia Educacional e Promoção da Saúde

A regulamentação da Fonoaudiologia e a posterior consolidação de sua inserção no Sistema Único de Saúde favoreceram a ampliação de práticas para além da reabilitação. No campo educacional, as normativas profissionais reconhecem ações de assessoria, consultoria, formação, planejamento e acompanhamento de programas voltados à comunicação, aprendizagem, inclusão e qualidade de vida da comunidade escolar (CFFa, 2016, 2021). Esse escopo pressupõe atuação coletiva e articulação com o projeto pedagógico.

A promoção da saúde desloca o foco exclusivo da doença para as condições que favorecem saúde, participação e autonomia. Aplicada à escola, exige cooperação entre setores e reconhecimento de que processos comunicativos, relações de trabalho, acessibilidade e aprendizagem também produzem saúde. A atuação fonoaudiológica pode incluir análise das demandas institucionais, educação em saúde, orientação sobre ambientes acústicos e comunicativos, promoção da voz docente, estratégias de linguagem e participação em equipes multiprofissionais (Cabrera *et al.*, 2018; CFFa, 2021).

Todavia, a presença do fonoaudiólogo no espaço escolar não garante, por si, uma prática educacional. Quando a intervenção se restringe a triagens, diagnósticos ou terapias individuais, mantém-se o paradigma clínico e pode-se atribuir ao estudante a responsabilidade por dificuldades produzidas também por fatores pedagógicos e sociais. A perspectiva colaborativa

requer planejamento conjunto, definição compartilhada de objetivos e valorização das competências de cada profissão (Gertel & Tenor, 2018; Masuyama, 2021).

Educação Infantil e Formação Docente

A Educação Infantil é uma etapa decisiva para a linguagem oral, a escuta, a imaginação, a convivência e a construção simbólica. Práticas cotidianas como leitura dialógica, narrativas, jogos de palavras, brincadeiras sonoras e conversas intencionais ampliam vocabulário, compreensão, expressão e consciência sobre os sons da fala. O professor, por acompanhar as crianças longitudinalmente em situações naturais, contribui para a promoção dessas habilidades e para a observação de sinais de atenção.

A formação continuada pode aproximar conhecimentos da Fonoaudiologia e da Pedagogia, favorecendo decisões mais seguras sem transformar o docente em terapeuta. Programas de orientação fonoaudiológica têm potencial para ampliar conhecimentos sobre voz, fala e linguagem e para apoiar estratégias precoces e contextualizadas (Carlino *et al.*, 2011). Para serem pertinentes, devem partir da experiência dos professores, articular teoria e prática e produzir recursos aplicáveis à rotina escolar (Kida *et al.*, 2022).

Também é necessário considerar as condições concretas de trabalho. Sobrecarga, ruído, tempo reduzido para planejamento, escassez de profissionais e fragilidade da articulação entre educação e saúde podem inviabilizar propostas mesmo quando há interesse das equipes. A análise das percepções docentes deve, portanto, abranger tanto os conhecimentos sobre o papel profissional quanto as possibilidades institucionais de colaboração.

METODOLOGIA

Desenho e Cenário

Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter metodológico, uma vez que os resultados subsidiaram a elaboração de uma proposta educacional. O estudo foi realizado em um Centro de Educação Infantil da rede pública municipal, localizado no interior do estado do Ceará. Para assegurar a avaliação cega, foram omitidos o nome da instituição, o município e os vínculos institucionais relacionados à pesquisa.

Participantes

Participaram 22 professoras que atuavam do Infantil I ao Infantil V. Foram critérios de inclusão: possuir graduação; integrar a rede municipal de ensino; cumprir carga horária mínima de 100 horas-aula; e ter, pelo menos, seis meses de experiência na Educação Infantil. Foram excluídas profissionais afastadas por férias, atestado ou licença no período de produção dos dados. Antes da etapa principal, o roteiro foi submetido a teste-piloto com três professoras que não compuseram a amostra.

Produção e Análise dos Dados

Utilizou-se entrevista semiestruturada dividida em dois blocos: perfil, formação e experiência profissional; e percepções sobre o papel do fonoaudiólogo na promoção da saúde escolar. Após apresentação do estudo e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as entrevistas foram realizadas presencialmente, gravadas e transcritas integralmente.

Os dados foram submetidos à análise temática de conteúdo, conforme Minayo (2004), nas fases de pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados com interpretação. Inicialmente, realizou-se leitura flutuante das transcrições e organização do corpus. Em seguida, unidades de sentido foram codificadas e agrupadas por convergência. A etapa interpretativa articulou os temas empíricos ao objetivo da pesquisa e à literatura. Informações de perfil e frequências de menções foram apresentadas por estatística descritiva simples; as frequências não representam categorias mutuamente exclusivas quando uma participante mencionou mais de um aspecto.

Aspectos Éticos

Foram observados os princípios éticos aplicáveis às pesquisas com seres humanos. A participação foi voluntária, mediante consentimento, com garantia de confidencialidade e uso de códigos alfanuméricos (P1 a P22) nos excertos. O projeto foi aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, sob o Parecer nº 7.791.791. A identificação do comitê e da instituição proponente foi suprimida nesta versão para preservar o anonimato durante a avaliação por pares.

Elaboração da Proposta Formativa

Após a análise, as necessidades mencionadas pelas professoras foram convertidas em objetivos, conteúdos e estratégias de aprendizagem. A proposta, não implementada nesta etapa, foi organizada em dois encontros quinzenais de quatro horas, totalizando oito horas, com exposição dialogada, oficinas práticas, análise de situações da rotina e planejamento de ações aplicáveis à escola.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Perfil das Participantes

Todas as participantes eram mulheres e graduadas em Pedagogia. A faixa etária mais frequente foi de 30 a 39 anos (31,8%). Dezoito (81,8%) possuíam pós-graduação, sobretudo em Psicopedagogia e Educação Infantil, e 14 (63,7%) tinham 15 anos ou mais de experiência docente. O grupo, portanto, reunia profissionais com trajetória consolidada e repertório para avaliar demandas do cotidiano escolar.

Tabela 1

Perfil sociodemográfico e profissional das participantes

Variável	Categoria	n	%
Faixa etária	20–29 anos	3	13,6
	30–39 anos	7	31,8
	40–49 anos	6	27,3
	50–59 anos	6	27,3
Pós-graduação	Sim	18	81,8
	Não	4	18,2
Experiência docente	0–9 anos	4	18,2
	10–14 anos	4	18,2
	15–19 anos	8	36,4
	20–24 anos	4	18,2

Variável	Categoria	n	%
	25 anos ou mais	2	9,1

Nota. N = 22. Percentuais arredondados para uma casa decimal.

Percepções sobre a Atuação Fonoaudiológica

A análise originou três eixos: percepções sobre a atuação do fonoaudiólogo; potencialidades e desafios da integração entre professor e fonoaudiólogo; e prioridades temáticas para formação. No primeiro eixo, 17 professoras (77,3%) mencionaram a saúde vocal docente como área de atuação e três (13,6%) limitaram sua resposta exclusivamente a esse cuidado. A recorrência da voz reflete tanto sua centralidade no trabalho pedagógico quanto experiências concretas de rouquidão, fadiga e ausência de orientação.

“A contribuição do fonoaudiólogo dentro da escola é muito importante, pois o nosso principal instrumento de trabalho é a voz.” (P2)

“Já fiz fonoterapia por rouquidão. O fonoaudiólogo na escola contribuiria muito com aquecimento vocal.” (P6)

A associação entre Fonoaudiologia e saúde vocal também foi observada por Fernandes *et al.* (2017). Trata-se de uma demanda legítima, pois ações educativas e preventivas podem favorecer autocuidado e uso vocal mais eficiente. Contudo, quando a voz aparece como única possibilidade, evidencia-se compreensão parcial do campo educacional. O fonoaudiólogo pode contribuir também para práticas comunicativas, linguagem, inclusão, acessibilidade e planejamento coletivo (CFFa, 2016, 2021).

Dezenove participantes (86,4%) citaram pelo menos uma frente além da voz. Entre as menções relativas às crianças, 12 professoras citaram problemas de fala, cinco mencionaram o desenvolvimento da linguagem de forma ampla e sete associaram a atuação ao apoio a crianças com autismo ou outras necessidades educacionais específicas. Como houve sobreposição de respostas, esses valores não devem ser somados como distribuição do grupo.

Tabela 2*Menções das professoras sobre a atuação fonoaudiológica*

Tema mencionado	n	% do grupo*	Sentido predominante
Saúde vocal docente	17	77,3	Promoção, prevenção e cuidado da voz
Problemas de fala	12	54,5	Identificação, encaminhamento ou tratamento
Desenvolvimento da linguagem	5	22,7	Compreensão de marcos e estimulação
Autismo/outras necessidades específicas	7	31,8	Apoio à comunicação e ao professor

Nota. *Percentual calculado sobre as 22 participantes. As categorias se sobrepõem. Na dissertação, alguns percentuais deste bloco foram calculados sobre as 19 docentes que mencionaram áreas além da voz; nesta tabela, adotou-se o grupo total para manter um denominador único e transparente.

“Seria muito bom aprender a perceber quando a criança tem alguma dificuldade na fala ou na linguagem e o que podemos fazer no dia a dia.” (P6)

O predomínio de referências a “problemas” e “tratamento” revela permanência do modelo clínico-reabilitador. A escola é percebida como local onde o especialista poderia resolver demandas individuais, inclusive diante da dificuldade de acesso aos serviços. Essa expectativa é compreensível, mas pode deslocar para o estudante questões que também dependem de práticas pedagógicas, condições institucionais e acessibilidade. Resultados semelhantes foram descritos por Mendonça e Lemos (2011) e Fernandes *et al.* (2017), reforçando a necessidade de distinguir atendimento clínico de atuação educacional.

A menção a crianças com autismo e outras necessidades específicas indica reconhecimento do papel da comunicação na participação escolar. Ainda assim, uma prática inclusiva não se reduz ao atendimento do aluno: envolve orientar parceiros de comunicação, adaptar interações, colaborar com o planejamento e favorecer ambientes acessíveis. A perspectiva educacional amplia o foco do déficit individual para as barreiras e possibilidades de participação.

Potencialidades e Desafios da Colaboração

As professoras reconheceram como potencialidades as orientações práticas, as capacitações periódicas, o suporte diante de dificuldades de fala e linguagem e a promoção da saúde vocal. A colaboração foi percebida como oportunidade de ampliar o repertório docente e

construir estratégias aplicáveis à sala de aula.

“A potencialidade é que a integração do fonoaudiólogo com o professor facilita muito [...] até passar alguns exercícios que possamos fazer com os nossos alunos.” (P2)

Ao mesmo tempo, surgiram desafios estruturais: ausência de fonoaudiólogos nas escolas públicas, acesso insuficiente na rede de saúde, baixa articulação entre os setores, sobrecarga docente e pouco tempo para formação e planejamento conjunto. Assim, o interesse profissional não elimina a necessidade de apoio da gestão, organização de agenda e definição institucional de fluxos.

“O desafio é a nossa demanda. A gente tem que dar conta de sala de aula, planejamentos, planos de aula, relatórios, e tudo isso dificulta.” (P1)

“Não vejo a integração como algo negativo, seria bem-vinda, mas precisamos de apoio da gestão.” (P8)

Tabela 3

Síntese das potencialidades e dos desafios para o trabalho colaborativo

Dimensão	Aspectos identificados	Implicação
Potencialidades	Orientações sobre voz e comunicação; formação periódica; suporte técnico; estratégias para sala de aula.	Aproxima conhecimentos fonoaudiológicos das práticas pedagógicas.
Desafios	Ausência do profissional; acesso insuficiente; frágil articulação saúde-educação; sobrecarga; falta de tempo e recursos.	Exige apoio da gestão, agenda protegida e pactuação intersetorial.

Nota. Síntese elaborada a partir das entrevistas.

Esses achados mostram que a colaboração precisa ser incorporada à organização do trabalho, e não depender apenas da iniciativa individual. Propostas verticalizadas, centradas em transmissão de prescrições, tendem a produzir menor apropriação. Em contraste, planejamento conjunto, discussão de casos educacionais e construção de estratégias compatíveis com a rotina fortalecem a autonomia docente e a corresponsabilidade (Kida *et al.*, 2022; Masuyama & Rinaldi, 2020).

Prioridades Formativas e Produto Técnico

As participantes priorizaram três núcleos: cuidado com a voz; compreensão do desenvolvimento da fala e da linguagem, incluindo sinais de atenção e estratégias de estimulação; e conhecimentos relacionados à preparação para a alfabetização. As falas revelaram desejo de substituir condutas baseadas no senso comum por observação e planejamento mais fundamentados, sem descaracterizar a função docente.

“Precisamos saber como agir quando percebemos uma dificuldade. Às vezes, agimos por senso comum.” (P1)

“Uma formação que nos fale sobre o desenvolvimento da fala, para sabermos o que é atraso ou não.” (P16)

Com base nessas necessidades, foi elaborada uma formação de oito horas, distribuída em dois encontros. O primeiro reúne saúde vocal e desenvolvimento da linguagem oral; o segundo aborda habilidades metalinguísticas e preditoras da alfabetização. A proposta combina conteúdos conceituais, análise de situações reais, vivências e planejamento de microrrotinas. Ela não foi implementada nem avaliada nesta pesquisa, sendo apresentada como produto derivado do diagnóstico.

Tabela 4

Estrutura da proposta de formação continuada

Eixo	Carga horária	Objetivos centrais	Estratégias
Saúde vocal docente	2 h	Reconhecer riscos, sinais de sobrecarga e hábitos de autocuidado.	Mapa de riscos, prática orientada e plano pessoal de cuidado vocal.
Desenvolvimento da linguagem oral	2 h	Compreender marcos de 0 a 5 anos, sinais de atenção e mediação linguística.	Linha do desenvolvimento, checklist pedagógico e planejamento de microrrotinas.
Habilidades preditoras da alfabetização	4 h	Compreender consciência fonológica, conhecimento alfabético, memória fonológica, nomeação rápida e compreensão auditiva.	Exposição dialogada, vivência de jogos e construção de atividades para a rotina.

Nota. Proposta elaborada a partir das demandas das participantes; não implementada no estudo.

A seleção desses conteúdos converge com a literatura sobre formação docente e Fonoaudiologia Educacional. Ações formativas podem ampliar o conhecimento sobre comunicação e favorecer identificação oportuna, desde que não incentivem diagnósticos escolares ou transposição de procedimentos clínicos para a sala de aula (Carlino *et al.*, 2011; Gertel & Tenor, 2018). O eixo das habilidades preditoras responde, ainda, a lacunas formativas descritas entre docentes alfabetizadores (Quintal & Paula, 2023).

A contribuição prática do produto está em articular saúde do trabalhador, desenvolvimento infantil e aprendizagem em uma mesma proposta. Essa integração traduz a amplitude da Fonoaudiologia Educacional evidenciada pelas normativas profissionais. Entretanto, sua efetividade dependerá de implementação participativa, adequação às condições locais e avaliação de resultados, incluindo mudanças no conhecimento docente, aplicabilidade das estratégias e sustentabilidade institucional.

Limitações e Implicações

O estudo foi desenvolvido em uma única instituição, com amostra intencional e exclusivamente feminina, o que limita a transferência dos achados para outras redes e contextos. As frequências apresentadas descrevem menções em um corpus qualitativo e não devem ser interpretadas como estimativas populacionais. Além disso, a proposta formativa foi elaborada, mas não implementada ou validada, impossibilitando afirmar efeitos sobre práticas docentes ou desenvolvimento infantil.

Apesar dessas limitações, a pesquisa oferece um diagnóstico contextualizado e evidencia que a ampliação do papel fonoaudiológico depende simultaneamente de formação e de condições organizacionais. Estudos futuros podem implementar e avaliar a proposta, incluir gestores, famílias e outros profissionais, comparar diferentes municípios e investigar mudanças nas práticas colaborativas ao longo do tempo.

CONCLUSÃO

As professoras reconhecem a relevância do fonoaudiólogo na Educação Infantil, sobretudo para a saúde vocal e para demandas de fala e linguagem. Essa valorização, contudo, convive com uma percepção predominantemente clínica e corretiva, na qual o profissional é

frequentemente esperado como responsável por identificar ou tratar dificuldades individuais.

A possibilidade de uma atuação mais ampla apareceu nas expectativas de orientação, formação periódica, apoio ao planejamento e desenvolvimento de estratégias para a sala de aula. Sua concretização encontra obstáculos relacionados à ausência do profissional, à frágil articulação entre saúde e educação, à sobrecarga e à falta de tempo institucional.

As prioridades identificadas fundamentaram uma proposta formativa centrada em saúde vocal, desenvolvimento da linguagem oral e habilidades preditoras da alfabetização. A formação colaborativa pode contribuir para superar a visão restrita da profissão e fortalecer ações preventivas, pedagógicas e inclusivas, desde que seja apoiada pela gestão, construída com os docentes e posteriormente implementada e avaliada.

AGRADECIMENTOS

Seção opcional, onde o autor pode agradecer às agências financiadoras, ou outro tipo de agradecimento aplicável.

REFERÊNCIAS

- Brasil. (2014). Ministério da Saúde. Portaria nº 2.446, de 11 de novembro de 2014. Redefine a Política Nacional de Promoção da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2014/prt2446_11_11_2014.html
- Brasil. (2018). Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. MEC. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>
- Cabrera, M. F. B., *et al.* (2018). Fonoaudiologia e promoção da saúde: revisão integrativa. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 42(1). <https://rbsp.sesab.ba.gov.br/index.php/rbsp/article/view/2616>
- Carlino, F. C., Denari, F. E., & Costa, M. P. R. (2011). Programa de orientação fonoaudiológica para professores da educação infantil. *Distúrbios da Comunicação*, 23(1), 15–23. <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/8039>
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. (2016). Guia norteador da atuação do fonoaudiólogo educacional. Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia.
- Conselho Federal de Fonoaudiologia. (2021). Resolução CFFa nº 605, de 17 de março de 2021: Dispõe sobre a atuação do fonoaudiólogo no ambiente escolar. https://www.fonoaudiologia.org.br/resolucoes/resolucoes_html/CFFa_N_605_21.htm
- Fernandes, D. M. Z., *et al.* (2017). A percepção de professores de educação infantil sobre a

- atuação fonoaudiológica na escola. *Distúrbios da Comunicação*, 29(1), 86–96. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i1p86-96>
- Gatti, B. A., & Barreto, E. S. S. (2020). Professores do Brasil: novos cenários de formação. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367919>
- Gertel, M. C. R., & Tenor, A. C. (2018). Fonoaudiologia educacional: reflexões acerca da medicalização da educação. *Distúrbios da Comunicação*, 30(4), 655–666. <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2018v30i4p655-666>
- Kida, A. S. B., Ibarra, A. B., & Montenegro, C. (2022). Fonoaudiologia educacional e a formação de professores. In S. A. Capellini *et al.* (Orgs.), *Tratado de fonoaudiologia educacional* (pp. 405–414). Artezã.
- Masuyama, P. M. K. (2021). Por uma escola para todos: trabalho colaborativo da fonoaudiologia educacional. *Revista Teias*, 22(65), 55–72. <https://doi.org/10.12957/teias.55792>
- Masuyama, P. M. K., & Rinaldi, R. P. (2020). Educação e fonoaudiologia: práticas colaborativas de ensino. Appris.
- Mendonça, J. E., & Lemos, S. M. A. (2011). Promoção da saúde e ações fonoaudiológicas em educação infantil. *Revista CEFAC*, 13(6), 1017–1030. <https://doi.org/10.1590/S1516-18462011005000068>
- Minayo, M. C. S. (2004). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (8ª ed.). Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Moreira, M. D., & Mota, H. B. (2009). Os caminhos da fonoaudiologia no Sistema Único de Saúde. *Revista CEFAC*, 11(3), 516–521. <https://doi.org/10.1590/S1516-18462009000300021>
- Quintal, T. M. M., & Paula, F. V. (2023). Os conhecimentos dos professores alfabetizadores sobre habilidades metalinguísticas em uma proposta de formação docente. In M. M. P. E. Mota & T. A. Arantes (Orgs.), *Habilidades metalinguísticas: avanços das pesquisas no contexto nacional* (pp. 101–128). Appris.